



CENTRO STUDI SEA

ISSN 2240-7596

aipsa edizioni spa

AMMENTU

**Bollettino Storico e Archivistico del
Mediterraneo e delle Americhe**

N. 7

luglio - dicembre 2015

www.centrostudisea.it/ammentu

www.aipsa.com

Direzione

Martino CONTU (direttore), Giampaolo ATZEI, Annamaria BALDUSSI, Manuela GARAU, Patrizia MANDUCHI

Comitato di redazione

Lucia CAPUZZI, Raúl CHEDA, Maria Grazia CUGUSI, Lorenzo DI BIASE, Maria Luisa GENTILESCHI, Antoni MARIMÓN RIUTORT, Francesca MAZZUZI, Roberta MURRONI, Carlo PILLAI, Domenico RIPA, Maria Elena SEU, Maria Angel SEGOVIA MARTI, Frank THEMA, Dante TURCATTI, Maria Eugenia VENERI, Antoni VIVES REUS, Franca ZANDA

Comitato scientifico

Nunziatella ALESSANDRINI, Universidade Nova de Lisboa/Universidade dos Açores (Portugal); Pasquale AMATO, Università di Messina - Università per stranieri "Dante Alighieri" di Reggio Calabria (Italia); Juan Andrés BRESCIANI, Universidad de la República (Uruguay); Carolina CABEZAS CÁCERES, Museo Virtual de la Mujer (Chile); Margarita CARRIQUIRY, Universidad Católica del Uruguay (Uruguay); Giuseppe DONEDDU, Università di Sassari (Italia); Luciano GALLINARI, Istituto di Storia dell'Europa Mediterranea del CNR (Italia); Elda GONZÁLEZ MARTÍNEZ, Consejo Superior de Investigaciones Científicas (España); Antoine-Marie GRAZIANI, Università di Corsica Pasquale Paoli - Institut Universitaire de France, Paris (France); Rosa Maria GRILLO, Università di Salerno (Italia); Souadi LAGDAF, Struttura Didattica Speciale di Lingue e Letterature Straniere, Ragusa, Università di Catania (Italia); Victor MALLIA MILANES, University of Malta (Malta); Roberto MORESCO, Società Ligure di Storia Patria di Genova (Italia); Carolina MUÑOZ-GUZMÁN, Universidad Católica de Chile (Chile); Fabrizio PANZERA, Archivio di Stato di Bellinzona (Svizzera); Roberto PORRÀ, Soprintendenza Archivistica per la Sardegna (Italia); Sebastià SERRA BUSQUETS, Universidad de las Islas Baleares (España)

Comitato di lettura

La Direzione di AMMENTU sottopone a valutazione (referee), in forma anonima, tutti i contributi ricevuti per la pubblicazione.

Responsabile del sito

Stefano ORRÙ

AMMENTU - Bollettino Storico e Archivistico del Mediterraneo e delle Americhe

Periodico semestrale pubblicato dal Centro Studi SEA di Villacidro e dalla Casa Editrice Aipsa di Cagliari.

Registrazione presso il Tribunale di Cagliari n° 16 del 14 settembre 2011.

ISSN 2240-7596 [online]

c/o Centro Studi SEA
Via Su Coddu de Is Abis, 35
09039 Villacidro (VS) [ITALY]
SITO WEB: www.centrostudisea.it

c/o Aipsa edizioni s.r.l.
Via dei Colombi 31
09126 Cagliari [ITALY]
E-MAIL: aipsa@tiscali.it
SITO WEB: www.aipsa.com

E-MAIL DELLA RIVISTA: ammentu@centrostudisea.it

Sommario

Presentazione	1
Presentation	3
Présentation	5
Presentación	7
Apresentação	9
Presentació	11
Presentada	13
DOSSIER	
Comunidades estrangeiras em Lisboa (séculos XV-XVIII)	15
sob orientação de Nunziatella Alessandrini, Jürgen Pohle	
– NUNZIATELLA ALESSANDRINI, JÜRGEN POHLE Introdução	17
– JÜRGEN POHLE « <i>Os primeiros alemães a procurar a Índia</i> »: Maximiliano I, Conrad Peutinger e a alta finança alemã estabelecida em Lisboa	19
– NUNZIATELLA ALESSANDRINI, SUSANA MATEUS Italianos e cristãos-novos entre Lisboa e o império português em finais do século XVI: vínculos e parcerias comerciais	29
– JORGE FONSECA Impressores e livreiros europeus na Lisboa dos séculos XVI e XVII	49
– RUI MENDES Comunidade flamenga e holandesa em Lisboa (séculos XV a XVIII): algumas notas históricas e patrimoniais	57
– MAR GARCÍA ARENA La situación de los comerciantes españoles en Lisboa desde la perspectiva de los diplomáticos de la monarquía hispánica destinados en Portugal en el Setecientos	91
– LUÍSA VILLARINHO PEREIRA Ourives franceses, lapidários e engastadores de pedraria na Lisboa do século XVIII - seu contributo na arte e na evolução das mentalidades	104
– CARLA VIEIRA Mercadores ingleses em Lisboa e Judeus portugueses em Londres: agentes, redes e trocas mercantis na primeira metade do século XVIII	114
– TERESA FONSECA A comunidade britânica de Lisboa no terceiro quartel de setecentos	133
– CARMINE CASSINO « <i>Pela Nação Italiana, residente em Lisboa</i> »: relações luso-italianas e elementos de italianidade na capital (segunda metade do século XVIII)	144
Ringraziamenti	163

DOSSIER

Comunidades estrangeiras em Lisboa (séculos XV-XVIII)

sob orientação de Nunziatella Alessandrini, Jürgen Pohle

Introdução

Nunziatella ALESSANDRINI

CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores

Jürgen POHLE

CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores

Os recentes contributos sobre os estrangeiros, nomeadamente o colóquio «Comunidades estrangeiras em Lisboa (séculos XV a XVIII)» apresentado pelos coordenadores do presente *dossier* em Janeiro de 2015 no Centro de História d’Aquém e d’Além Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e dos Açores, e os mais específicos ciclos de conferências luso-italianas mostraram que a vivência das comunidades estrangeiras em Lisboa era muito vivaz e que ainda há muito para investigar.

Cidade de grande comércio, a capital portuguesa foi alvo, desde o início da expansão atlântica no século XIV, da vinda de estrangeiros que queriam aproveitar as riquezas das novas mercadorias. A abertura do caminho para a Índia, em finais do século XV, alargou ainda mais as perspectivas comerciais e os privilégios outorgados aos estrangeiros pelos monarcas portugueses eram aliciantes, sendo que a necessidade de recursos humanos e de capitais que pudessem garantir a organização da armada que cada ano partia do porto de Lisboa, por volta de Março/Abril, para o Oriente era elevada. Os mercadores-banqueiros alemães, desde cedo, reagiram às mudanças significativas no comércio de especiarias após a abertura da Rota do Cabo pelos Portugueses. A partir de 1503 várias casas comerciais de Augsburg e de Nuremberga estabeleceram-se em Lisboa, fundando aí feitorias e enviando os seus representantes para a Índia. Neste contexto salienta-se a influência do imperador Maximiliano I que seguiu com grande interesse o desenvolvimento da expansão marítima de Portugal. (Jürgen Pohle).

Juntamente com os mercadores alemães, os mercadores italianos deram um importante contributo à expansão portuguesa no Índico e enriqueceram com o comércio das especiarias. É de realçar, nesse sentido, a frequente colaboração destes estrangeiros com os cristãos novos que irá perdurar nos séculos sucessivos. Ricos contratos foram estipulados entre a coroa portuguesa e sociedades comerciais constituídas por italianos oriundos de Florença e Cremona e cristãos novos na 1ª metade de Quinhentos, mantendo-se esta continuidade no último quartel do século XVI quando o rei português adjudica o contrato da pimenta a uma sociedade de “italianos” e cristãos novos. (Nunziatella Alessandrini e Susana Mateus).

Todavia, os estrangeiros que povoavam a capital portuguesa não eram apenas mercadores *sensu lato*, outras profissões estavam ligadas à produção de mercadorias e à sua comercialização. Dentro destes ofícios, não era despicienda a actividade de estrangeiros ligados ao comércio livreiro nos séculos XVI e XVII. A impressão de livros na capital portuguesa por impressores estrangeiros, a importação de papel e de obras provenientes de Itália, França e Castela por via marítima e terrestre, assim como a sua reexportação para a Índia e o Brasil, constituíam um factor importante no desenvolvimento cultural de Lisboa. (Jorge Fonseca). Outros estrangeiros presentes em Lisboa desde o século XV foram os flamengos e os holandeses que criaram, ao longo dos séculos, redes familiares com a instituição de vínculos patrimoniais derivantes da aquisição de propriedades imóveis e deixando memórias na toponímia local e nos apelidos de famílias portuguesas de origem holandesas. (Rui Mendes).

As relações com a vizinha Castela foram-se consumindo ao longo do século XVII, após a independência de Portugal em 1640. O conflito luso-espanhol que seguiu, terminando com o Tratado de Paz de 1668 em que se procurava restabelecer a amizade entre os dois países, reactivou as relações comerciais entre os dois Países. No entanto, a política proteccionista da corte portuguesa das últimas décadas de Seiscentos afectou o comércio e o intercâmbio entre Portugal e Castela prejudicando a consolidação da comunidade de mercadores espanhóis em Lisboa. (Mar García Arenas). Nas primeiras décadas dos século XVIII, alguns ourives, lapidários e engastadores franceses, pressionados a sair de França pelas restrições impostas à liberdade de culto e motivados pela abundância de ouro e pedrarias que do Brasil chegavam à corte de D. João V, vieram trabalhar em Lisboa, trazendo consigo as luzes que despontavam na Europa, deixando um relevante contributo na arte e na evolução das mentalidades. (Luísa Villarinho Pereira).

A consolidação da aliança luso-britânica após o tratado de Methuen (1703) foi razão do crescimento demográfico, social e económico da comunidade inglesa em Lisboa, a qual gozava, na primeira metade do século XVIII, de privilégios comerciais importantes. No entanto, o cosmopolitismo da cidade contrastava com a persistência da repressão inquisitorial, sendo que os cárceres lisboetas estavam repletos de membros da elite comercial. Quem conseguia escapar, encontrava um porto seguro em Londres e dali mantinha laços de cooperação com agentes da comunidade mercantil britânica em Lisboa. (Carla Vieira). A comunidade britânica, tanto de origem inglesa como irlandesa, contava acerca de um milhar de pessoas e era constituída por homens de negócios, membros da Feitoria Britânica de Lisboa, e por pessoas de recursos modestos. Ocupavam-se nos mais diversos ofícios, contribuindo para a quase auto-suficiência da comunidade. Muitos trabalhavam por conta própria sendo que outros encontravam-se ao serviço de compatriotas ou de portugueses. (Teresa Fonseca).

O fluxo migratório de estrangeiros no século XVIII alarga-se a outras camadas sociais, o âmbito comercial-financeiro é superado e as flutuações da economia já não são indicadores assim tão relevantes. O reinado de D. João V, soberano particularmente devotado à cultura humanística Península Itálica, conta com a presença de homens ligados às ciências puras, à música e às artes e surge uma “vocação” da viagem a Portugal, mais uma vez ligada à curiosidade despertada pela terra lusitana. (Carmine Cassino)

O presente *dossier* pretende por um lado, sistematizar as principais linhas de investigação que se têm vindo a desenvolver e, por outro, oferecer novas pistas de modo a detectar modelos de actuação que relacionavam os estrangeiros em Lisboa com o meio comercial português, com a coroa e com a igreja.

A organização dos artigos obedece a um critério temático-cronológico, uma vez que se optou por organizar um contexto de relacionamento entre naturais e estrangeiros ao longo de quatro séculos.